

Redação, Administração e Oficinas
 Largo de S. n. 5 (Sobrado)
 CAIXA POSTAL, 195
 Endereço telegrafico: LANTERNA
 Dirigir toda a correspondencia ao
 DIRETOR:
EDGARD LEUBROTH

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

APARECE AOS SABADOS
 ASSINATURAS:
 ANO 10\$000
 SEMESTRE 6\$000
 PAGAMENTO ADIANTADO
 Nas assignaturas para o exterior
 ha a differença do porte do Correio.

Xostias amargas

O PADRE JULIO E O ANTI-CRISTO

Era intenção nossa, logo que o padre Julio Maria iniciou as suas conferencias na Gloria, refuta-las uma a uma, qual o fizemos em relação aos sermões quaesmais proferidos na Cathedral Arquidiocesana por D. Sebastião Leme, bispo de Orthosia.

Cedo, porém, muito cedo reconhecemos que o padre Julio Maria está com o cerebro completamente desequilibrado, que é um enfermo digno de compaixão e que seria uma insensatez da nossa parte tomar as suas pregações a serio e combater-las com as armas fornecidas pelo bom senso e pela lógica.

E então ficamos possuídos de horror pelos seus colegas de hábito que, consciões, como toda a gente, de que o infeliz iluminado não é senão uma vítima de grave e implacável lesão cerebral, procuram agra-lhe as condições patológicas, cultivando-lhe as obsessões, as ideias fixas e compelindo-o a essa jornada dolorosa de vidente do século XX, na qual aos espiritos elevados só inspirará muito dó e às almas comuns formarão assunto para mo-tejos e zombarias.

No entanto, se o clero nutrisse os sentimentos de caridade, de que tanto alarde faz, o padre Julio não estaria a fazer a triste figura, que ora faz, dizendo-se eleito de Deus para anunciar ao mundo castigos eminentes e procurando, qual novo Savanarola, levar o terror e o desespero à alma simplex e infantil de quantos creem, com sinceridade, nas blagues do catolicismo.

Em uma das suas ultimas tiradas, o paranoico Julio Maria descreveu para o seu auditorio o Anti-Cristo, surgindo à face da terra e arrastando, após si, todos os povos, todas as nações, para derrocar a Igreja Católica.

Esse Anti-Cristo, que para os que seguem a Reforma, é o Papa de Roma, e ao qual os juristas da Inglaterra juraram guerra sem treguas, ao serem coroados, para o vesânico pregador da Gloria será um super-homem, de qualidades excepcionais, de uma pujança intelectual já mais observada, e que exercerá sobre toda a humanidade uma verdadeira fascinação.

E como ele encontrará homens em condições extraordinarias de progresso material, ele de tudo se aproveitará para guetrear a Igreja, procurando eliminá-la da superfície do planeta.

E pena que a profecia de Julio Maria não se confirme. Oh! Quem nos dera a todos que surgisse, quanto antes, esse hon em único na Historia, que tivesse prestigio bastante para arrancar os muitos incul-tos ao dominio do Catolicismo, fundando sobre os escombros da seita morta uma nova religião fundada única e exclusivamente sobre bases científicas e racionais.

Oh! Quanto seria bem vindo esse vulto, que representaria o expoente mais elevado da intelectualidade humana, e a quem seria dado demonstrar, á evidencia, a todos os povos que as religiões espiritualistas servem apenas para abastardar a razão e para estabelecer entre seres, que devem amar-se como irmãos, sizánias, discórdias, lutas motivadas por des-acordos entre principios, quaesdeles o mais ridiculo, quaesdeles o mais anti-racional, quaesdeles o mais absurdo.

Então esse homem não seria o Anti-Cristo. Seria, sim, o Supra-Cristo.

Ele conseguiria o que Cristo não conseguiu, com a sua moral estreita e tacanha, traçada exclusivamente para o uso do povo hebraico, a quem sonhava dar a supremacia no mundo. Ele conseguiria, repetimos, a verdadeira confraternização de todas as gentes.

Ele varreria da superfície da Terra todos esses dogmas extravagantes a que os sacerdotes de todos os credos procuram submeter a razão humana, e em cujo nome querem, á viva força preponderar na sociedade, convertendo-se no mais daninho e pernicioso elemento parasitario com que, até hoje, a mesma sociedade se tem visto a braços.

E ele levantaria o unico templo digno da veneração do homem; o templo da Sciencia, que, só, pode tornar á nossa especie o conforto de que tem necessidade e que, só, poderá um dia preencher a mais legítima aspiração humana, que é uma vida tão prolongada quanto possível e também tanto quanto possível escoinmada de sofrimentos.

Infelizmente, porém, o Anti-Cristo, que sonha o redentorista, que ora anda a tresler na Gloria, e um mito, que já mais virá em auxilio da humanidade.

Podem, pois, os srs. padres ficar tranquilos que, por muito tempo ainda, terão sujeitas ao seu dominio as consciencias ingenuas e timoratas.

Não virá Anti-Cristo algum arranca-los das posições que usurpam na sociedade, mas eles hão de cair de podres dos postos, onde se acham, quando o racionalismo triunfante tiver conseguido impor-se a todos os espiritos, por meio da unica arma de que dispõe, que é a instrução popular.

E é graças a esse esforço lento, que vai sendo ininterruptamente despendido pelos pioneiros da civilização, que já agora podemos observar que o povo do Rio de Janeiro, em lugar de se tomar de terror panico, em ouvindo na Gloria as profecias do louco Julio Maria, desata em estridentes gargalhadas perante as suas ameaças do proximo advento do Anti-Cristo, a cuja morte succederia de pronto a liquidação total deste orbe sub lunar pelo fogo, como frequentemente acontece com as casas comerciais em vespuras de falencia.

O racionalismo é, pois, o verdadeiro Anti-Cristo que um dia deitará por terra os erros em que, ha vinte seculos, vive imerso o Ocidente e que se acham sintetizados na Igreja Católica Apostolica Romana.

Ignoto.

S. PEDRO

O PESCADOR SIMÃO

A igreja catolica consagra o dia de hoje ao trampoleiro de quem o sr. Sarto — especie de chefe do pessoal menor do geral dos jesuitas — tem a mania de se dizer successor, e ao tecedor de Saulo de Tarso, que a mitologia cristã aleunhou de Paulo, como se diz que Jesus limpò ao Simão o sobriquet de Cephas, termo caldeo que significa pedra e que a degeneração tradicionalista da linguagem transformou em Pedro. Vamos a ver, rapidamente, quem era cada um destes sujeitos.

Cristo encontrou um dia o Simão, na sua barca, a pescar, e convidou-o a segui-lo, a fim de pescar homens em vez de peixes. O pescador entendendo que pensar papal-ros dava menos manada do que pescar peixes, seguiu o mestre, obedecendo ao principio de que "a noite se faz para dormir e o dia para descansar, porque o corpo não



— Que diabo! Já não temos socogo. E' preciso apagar a lux dessa infernal LANTERNA, que não nos deixa em paz.

é de ferro". Tudo correu muito bem enquanto nada havia a fazer nem a recocar. Quando, porém, Jesus foi preso como rebelde, já a pedra não era pedra, mas simples montão de esterco. O Simão não conhecia o preso, nem sabia quem ele era. A igreja, cobarde como ele e velhaca como todos os cobardes, fantasiou-lhe as lagrimas de arrependimento e o perdão do Cristo a quando da sua fabulosa resurreição. E o Simão, com a alcinha de Pedro, morto no ano 66 em Babilonia ou em Antioquia, apesar das mitologicas patranhas que o fazem como falecido em Roma, toidado como chefe da igreja que do Cristo o proprio nome renegou. E' a este vil e renegado poltrão: que se refere o pateta do Sarto quando termina a sua verrínica Jamadum in Lusitania, nestes termos:

Dado em Roma, junto ao tumulo de S. Pedro (PI), aos 24 de maio, dia da festa de Nossa Senhora Auxiliadora, no anno de 1911, oitavo do Nosso Pontificado. — Pio, PP. X.

Outro, o tecedor Saulo de Tarso, era um judeu cujos pais, remedidos, o mandaram educar em Jerusalem. Deram-lhe ali certa instrução intelectual os padres judeus, fazendo dele um adversario das modernas doutrinas, ao mesmo tempo que nas oficinas lhe ensinavam a tecer, para ter um tuturo assegurado pelo trabalho. Era um adversario fidalgal do cristianismo, e achava merecidissimo o castigo imposto pelo fanatismo romano-hebraico ao rabi da Galileia. Dis a tabula cristã que o Simão Cepha, preso como rebelde pelo herodes Agripa, e solto por morte deste, se encontrou com Saulo em Antiochia e o converteu á sua seita. O Saulo, transformado em Paulo, passou a ser um adepto da nova doutrina, luz que despontava já num horizonte tão pouco remoto que fazia prevêr a rapida aproximação do novo sol. O Paulo começou a pregar o cristianismo, e, naturalmente, a afirmar que já era cristão muitos anos antes do avô ter começado a namorar a avó. As lendas não rezam que o Saulo tenha sido bom nem mau. Dizem apenas que se converteu, e por isso lhe fazem a injuria de o confundir na mesma festa com o patife do Simão.

Os que hoje, porventura, tomem parte, directa ou indirecta, nas festas em honra deste malandreeco, devem saber o que ele era, para depois não virom com a ingenua alegação de ignorancia. Por isso si ficam, reunidamente, os típicos biographos do trapalhão Pedro e do barriguinta Paulo. Que os adore quem quiser, mas com consciencia do que faz.

Augusto José Vieira.

SERMÕES AO AR LIVRE

Um dos sobreviventes do naufragio do Titanic foi o despenheiro da primeira classe Whiteley. Este homem ficou com as pés gelados e as pernas laceradas, tendo ido para um hospital por causa disso; mas está convencido de ter sido objecto de um milagre e de dever a vida a uma graça especial do Deus misericordioso.

Era sustido á flor de agua por um cinto de salvação e um guarda-roupa, quando, divisando um barco carregado de naufragos, nadou para ele. Mas ali não o deixaram subir: já havia gente demais lá dentro.

E então o despenheiro reçou. Para que Deus, na sua omnipotencia, fizesse surgir outro barco menos carregado? Para que apparecesse um navio salvador? Para que lhe mantivesse as forças e o calor do corpo? Para que o Senhor obrasse, enfim, um prodigio digno de si e dos homens, divino e humano, revelador do supremo poder, da justiça suprema e da suprema bondade?

Não; o homem foi mais modesto e o milagre mais simples. «Orei, confessa Whiteley, para que, nessa jangada, morresse algum afim de eu poder tomar-lhe o lugar. Deus ouviu-me: um deles morreu e eu fui tomado a bordo.»

Realmente, o esforço divino seria muito maior, se o Todo-poderoso tivesse, por exemplo, de impedir o choque do Titanic contra a geleira, ou de salvar todos os passageiros, ou ainda, dado que houvesse entre eles hereses, como talvez o que morreu para aar o lugar ao crente ferrosoro e modesto, de os converter a todos, de os tocar com a sua divina graça...

Um Deus infinitamente forte, justo e bom faria tudo isso, não teria consentido o mal, haveria criado o homem á sua imagem e semelhança. Mas ahí está: os homens é que se divertem a creal-o, cada um tem o seu deus particular, cada um concede ao sabor dos seus interesses, ideias e paixões... e quem vence julga-se objecto de favores especiais!

Luiz Vaz

Um repto acceito e... recusado
Que é a religião?

Escrevemos superficialmente sobre este emmaranhado assumpto, ao iniciar esta desprezenciosa palestra, porque nos preparavamos para treplicar ás doudas argumentações que, julgavamos, nos iria apresentar, mui grammatico e mui fujão, o já agora celebre vigario de Baurú.

Mas, apesar do seu portu-guez duma pureza de arminho a lembrar a das immaculas vir-gens celestes, a despeito de sua erudição abysmal que nos faz pensar na de Moysés, divino cientista e não menos divo assassino, — apesar de tudo e de outras grandes coisas, o padre não quiz exhibir o seu valor. Misturando religião com batatas e cebolas, o estupendo apologista de Baurú mostrou-se entretanto duma valentia, dum heroismo que passarlo á historia como feitos gloriosos ante os quaes se devem prosternar os posterios: — foi a forma denodada com que entrando na liça, foge, entanto, veloz e corajoso ao primeiro e superficial golpe que lhe desfe-re o adversario!

Soberba valentia e que viga-rio heroico.

O que se pretende provar, em opposição ao que sustentam os theologos, é que a religião não é um sentimento que tivesse despertado na humanidade pela vontade imperiosa dum deus, que se lhe tivesse revelado a fim de que os homens soubessem que lá no alto, atraz da anilina concha, que á noite se recamava de lindas estrelas que frouxamente brilhavam, existia um ser, vetusto e maldoso, que reclamava, egoistamente, um culto, sob pena de torturar os que ousas-sem infringir-lhe as irretorqui-veis determinações.

E' o que affirmam os pro-se-lytos dessa feroz seita que, por circunstancias varias, não des-pidas de uma crueldade que horrosita, conseguiu implantar-se nos paizes que jactanciosa-mente se vangloriam de ser possuidores da mais requin-tada civilização. Por ser filho do aserto, é que conseguiu ser acceito sem muita relutancia e, para se lhe dar mais abraça-dabrante valor que podesse in-fluir sobre o espirito turvado dos crentes, emprestou-se-lhe uma importancia sobrenatural, especie de tabou, que não se pode visar, porque se corre o risco imminente de ser santa e divinamente fulminado.

Dizem-no os arautos do chris-tianismo, vedando aos seus ec-clesiarios a preocupação de se aprofundarem sobre a natureza desse Jehovah hirsuto, vingati-vo e mau, que entretanto busca relações com os homens e os deseja atrair para o seu desconhecido reino, aliás tão decantado. Também na seita que se diz baseada em dados puramente positivos se nos de-para essa mesma incongruente prescripção, o que demonstra que o tabou não é apenas um prohibitivo divinal mas tam-bem um ankylosante dispositi-vo com o qual se pretende obstar que o pensamento hu-mano se alcandore na investi-gação das causas primarias. Assim, por uma mordente jiro-nia, entrelaçam as mãos, amo-rosamente, a subtil theologia e o calculado, exacto, secco e solenne positivismo. Ambos são dogmaticos. Uma, commodamente se acobertando com o sombrio manto dos mysterios inviolaveis da fé, pretende que á humanidade se tenha dado,

logo nas suas origens, um mo-notheismo perfeito, acabado, ta e qual como, num instante, da cabeça de Jupiter surgira Minerva, bella e bellicoso. O outro, cercando a vontade de investigar e impondo as suas doutrinas sem que se possa re-torquir, deseja que na aurora da humanidade esta fosse presa immediatamente dum grosseiro fetichismo, esquecendo-se de que este era apenas o effeito de uma causa importante, que despreza.

Quem procura pelo menos ser liberto de preocupações de seita e de escola, ha de pro-curar o meio termo naquella disparidade, flagrante, de concepções. E, embora o assumpto admitta interpretações varias, procuremos, numa synthese rapida, externar o que geralmen-te os sociologos admittem, ac-cordes, acerca do phenomeno religioso.

Não ha duvida, — em que pese á profunda autoridade de Reinach e outros, — que um dos factores primordiales que concorreram para despertar no homem o sentimento religioso — foi o medo. E' impossivel negar que teve uma feliz per-cepção desta verdade o theolo-go Schleiermacher, quando ra-dicou psychologicamente a religião ao pavor. E assim deve ter sido, porque esse argumen-to ainda hoje se evidencia, re-petindo-se, numa grande parte da Humanidade, quando esta, sob a influencia dum cataclis-mo ou dum flagello, se volta afflictá para os deuses inadi-mados.

Aconteceu isso com os nos-sos antepassados. Primeiramen-te actuaram sobre elles os phe-nomenos da natureza. Descon-hhecendo-os, ignorando-lhes as causas, attribuiram-nos imme-diatamente a inimigos superio-res, occultos, que seria neces-sario acalmar. Mas, pelo espa-ço continuavam a rolar sons atrozadores, o raio, riscando em torcicolos sinistros, os ares, ful-minava o seu semelhante, o vento sibilara, agofrento, ver-gastando-lhes as carnes e de-mantelando-lhes as cabanas, e rugiam, devastadoras, as tem-pestades.

Sem defesa, o nosso avoen-go appellava para o sobrenatu-ral, procurando assim a pro-tecção dum mais forte. O egois-mo fero de então não lhe per-mittia que se alliasse, pela lei de solidariedade que ainda em nossos dias é muito fallha, aos seus irmãos. Buscava, pois, a ajuda do ignoto que desicava.

Mas aos effeitos produzidos por causas exteriores, outros, terrificos, se deveriam juntar. Na incerteza, na duvida, ven-do-se perseguido, implacavel-mente, ora pelos seus compa-nheiros de infortunio, ora pela Natureza que timbrava em tor-tural-o e em luta continua e cruel com os animaes feros, o homem das primeiras edades embrenhava-se pela selva. Suc-cedia que, depois dum dia bor-rasca, lá no alto, illuminao lacteamente a floresta, a lua despontava, branca, muito bran-ca, a tornar de jaspe as folhas rumorosas das arvores rama-lhudas. Naquelle tempo, certa-mente, a lua não era uma alam-bicada nem uma nivea alcovi-teira de amantes que, protegi-do pelos seus raios, moderna-mente se entregam a doces ar-rulhos amorosos ou mesmo a idyllios descaçados. O nosso sa-ltelite então só poderia infundir um livido terror. E aquelle ignoto sussurrar das coisas, o bramido das feras, e a estranha melopea estridula dos insectos,

faziam estarrecer de pavor o pobre selvagem que, tremulo, pallido, a fronte orvalhada dum suor gelado, corria, desesperado, tropeçando, ferindo-se, carnes retalhadas, pés ensanguentados, a clamar desesperadamente, até tombar, exanime, sobre um doce de folhas e dormir. Era agóra que começava a agir uma nova modalidade do sentimento religioso. Até ali eram impressões exteriores, os phenomenos naturaes, agora eram interiores que dominavam o homem. Sonhava ou delirava. E pelo seu cerebro rudimentar perpassava, tetrico, um horrificante drama, no qual ferozmente se debatia como principal protagonista.

Acordava a fim. E dia alto, quando já o sol brilhava radiante, o selvagem, ainda sob o pesadelo da allucinação, interrogava a si proprio quem poderia ser o outro ente que dentro de si se desdobrava. Reflectia, grosseiramente, sobre o espirito invisivel e, terrificado pela doçca, dera assim origem aos mythos, que criaram as religiões, e estas inventaram o rito e o confuso ceremonial que ainda hoje têm poderosa influencia sobre os espiritos simples.

Deste rapido, simples, imperfeito relato, deduzimos que a religião, e por este vocabulo designamos todas as formas superiores e inferiores de manifestações sobrenaturaes, não foi revelada por um deus que tivesse confabulado, numa deliciosa prosa, com os homens e lhes tivesse dito que faria com que na sua alma brotasse incontinente o sentimento que os devia impellir a estarem em continuo commercio com seu deus e, todos os que não o quizessem accceitar como tal, unico, poderoso e vingativo, seriam condemnados a soffrer os cruéis tormentos sempiternos nos enxofrados e fumegantes dominios do seu potente rival, o astuto e revoltado Satanaz, «o archangelico tentador das innocentes Evas»!

Esta é a lenda com que o lugubre Christianismo nos pretende embahir.

O estudo comparado das religiões, entretanto, calmamente, sem o luciferico intuito de lhe vibrar golpes fundos mas apenas exteriorisar a verdade, demonstrou que essa linda novela só era digna de ser admirada pelo seu lado esthetico, pela suave poesia que della resumava. Em que pese a quantos doutos vigarios de Baurú existentes numa parte do planeta, é esta a verdade historica, admittida, com algumas variantes e raras excepções, pelos mais eminentes sociologos contemporaneos.

Ainda hoje, no Christianismo moderno, se constata a resplendente veracidade do que atraz expendemos. Um dos primordiales factores do phenomeno religioso foi o medo. O medo é a razão de ser do Christianismo. Já na lei mosaica se ensinava que os crentes deviam amar, COM TEMOR, o seu fero, rispido Jehovah.

E o Christianismo, que tem para evitar a queda do raio a «Magnifica», domina apavorando os seus infelizes sectarios com as penas horripilantes do purgatorio e do inferno. A allucinação concorreu para a formação dos mythos. E os adeptos da loucura da Cruz tiveram-na em todos os tempos. Basta recordar esse negregada idade media em que os meigos filhos do Nazareno, com o espirito toldado pela obcecção de que só elles conheciam e viam o verdadeiro deus, queimam barbaramente as carnes dos herejes e desses infelizes hystericos da feitiçaria que só viam demónios.

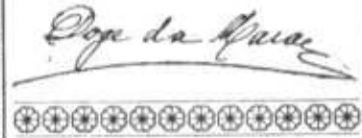
Quer-nos parecer que esparçimos, frouxamente é exacto, um pouco brilhante raio de luz sobre este assumpto de excepcional importancia. Ficou provado que o despertar do sentimento religioso no nosso antepassado foi apenas motivado pelo seu desconhecimento dos phenomenos naturaes e tambem na egoistica illusão de que o deus que antevera o defenderia contra as brutaes aggressões da natureza e o protegeria assim de que obtivesse relativo bem estar sobre a terra...

E este doce conforto tem

acompanhado através os seculos os homens que, entretanto, se insurgem, irados, quando os deuses não lhes obstaram a adversidade.

Em um formoso e profundo soneto, Anthero de Quental, numa mestria insuperavel, synthetisa no limitadissimo espaço de quatorze versos a inconsciente insurreição dos homens contra os deuses permitindo que na terra lavre a dôr, impere a miseria e domine a infamia. Os homens apostropham valentemente os seres celestias: «Porque é que nos criastes? Não seria melhor que na paz do na-la tivéssemos ficado a dormir eternamente?»

Porque é que para a dôr nos evocastes? Mas os deuses com voz inda mais triste — Dizem: — Homens! Porque nos inventastes?



NO RIO

As conferencias da Liga Anticlerical

Esteve magnifica a terceira conferencia da serie que a Liga Anticlerical está realizando no Gremio Republicano Portugues. A concorrência foi enorme, enchendo-se a sala á cunha.

O tema — *Se Cristo viesse ao mundo...* foi magistralmente desenvolvido pelo dr. Mauricio de Medeiros, a quem o numerosissimo auditorio distinguiu com os seus mais calorosos applausos.

Na conferencia de hoje, que se realizará ás 8 horas da noite no mesmo salão, falará o dr. Carlos Duarte, desenvolvendo o tema — *O perigo jesuita.*

Cresce de dia para dia o entusiasmo pelas conferencias que a Liga Anticlerical está promovendo com grande oportunidade e maior proveito para a propaganda.

E' intenção da Liga Anticlerical realizar ainda diversas dessas conferencias, para o que já tem convidado varios oradores de rial merecimento no meio carioca.

Da proxima conferencia será orador o dr. Bruno Lobo.

PRO-ESCOLA MODERNA

A excursão pelo Interior do prof. Angelo Bandoni

Como noticiámos em nosso numero passado, o professor Angelo Bandoni, da escola racionalista de Candido Rodrigues, vai realizar uma excursão de propaganda do ensino racionalista pelo nosso Estado.

O professor Angelo Bandoni propõe-se a realizar conferencias publicas em todas as localidades do Interior onde os companheiros se dispunham a organiza-las.

Em sua companhia irão duas das suas alunas, que tambem farão pequenas palestras sobre a Escola Moderna.

E' inteiramente digna de aplausos a iniciativa de Angelo Bandoni, que se dispô a fazer por esse meio uma larga propaganda da escola pela qual morreu Ferrer.

O itinerario dessa utilissima excursão será iniciado pelas seguintes localidades:

Dia 29, Guararoba; 30, Barrinha; 1º de julho, Taquaritinga; 3, Dobrada; 6, Araraquara; 7, Jaboticabal, etc.

Os nossos companheiros do Interior devem empregar todos os seus esforços para o bom exito deste empreendimento, preparando as conferencias do professor Angelo Bandoni, a quem deverão escrever com urgencia para Candido Rodrigues.

O BELLO ROMANCE

Noli me tangere

Já saiu do prelo

em elegante volume de 136 paginas e será posto á venda por estes dias a 18000 o exemplar. Mais 300 réis, pelo correio.



Continua a greve do pessoal dos bondes — Aspectos morais da luta entre o capital e o trabalho — Invoca-se o patriotismo dos nacionais, mas arvora-se a bandeira inglesa! — Protecção da famosa «liberdade de trabalhos» — Uma estocada amavel da Camara Municipal — Só os operarios é que devem ser patriotas e «republicanos» — Burla e descaro — Ingenuidade grevista — A queda do ministerio e a ficção parlamentar — Quem faz as maiorias?

LISBOA, 9 DE JUNHO

Mantem-se firme no seu duodécimo dia, e durará talvez ainda amanhã, feriado do municipio de Lisboa, festa de S. Camões, successor de Sto. Antonio, a greve do pessoal dos electricos desta cidade.

As lutas entre o capital e o trabalho são lutas sem lialdade nem nobreza, sobretudo por parte do primeiro; e perante cada episodio da permanente guerra de classes claramente se verifica como a existencia dessas classes de tão opostos interesses (a dos que governam a vida social dispondo dos meios de produção e a dos que trabalham dispondo apenas dos seus braços) é um tão poderoso obstáculo ao bem-estar económico, ao progresso moral e material da sociedade e ao desenvolvimento dos sentimentos de solidariedade, simpatia e dignidade humanas.

A greve foi declarada especialmente para obter a readmissão de empregados, despedidos todos (menos um) nos principios de fevereiro, isto é, quando o estado de sitio e o regime do terror impediam qualquer movimento de protesto e de resistencia... E algumas das outras reclamações dos grevistas referem-se igualmente a concessões que os empregados já gozaram e que a Companhia foi subrepticamente retirando aos poucos...

A Companhia é inglesa, mas tem alguns gerentes portuguezes (que não são os mais estimados pelo pessoal), e sobretudo exerce a sua industria em Portugal, explora publico e empregados portuguezes — não sem o bello resultado de pingues dividendos. Devia, pois, viver como os demais cidadãos deste país, sujeitar-se ás mesmas leis e aos mesmos deveres, acolyer-se ás mesmas protecções... — tanto mais que teve o cómico desplante de, num boletim seu, accusar de «antipatrioticos» o movimento grevista de janeiro!

Pois, não senhores! Arvorou logo a bandeira inglesa nas suas instalações, como se fosse caso de guerra, e fez constar que haveria reclamação diplomática, se os grevistas quisessem obstar ao restabelecimento do serviço!

Não é que lhe falte o apoio das autoridades portuguezas. Estas procedem desta vez com maior moderação, porque lhes serviu de lição e exemplo o fiasco de outras atitudes; mas nem por isso tem deixado de ser distribuidas algumas cutiladas e effectuadas algumas prisões, para proteger o que se convencionou chamar, com requintada hipocrisia, «liberdade de trabalho», isto é, de traição.

A Camara Municipal collaborou mesmo no joguinho manhoso da Companhia, armando, com ar bonachão e amigo, um laço aos grevistas. Em vez de apelar pública e solenemente para o «patriotismo» dos directores da Companhia (não tinham estes verberado o antipatriotismo dos grevistas de janeiro?...), incitando-os a ceder ao menos em parte, sob pena de os exautorar como traidores á cidade e á Republica, a vereação lisboeta achou melhor affixar um boletim, pedindo a todos, que directa ou indirectamente pudessem con-

correr para a immediata terminação da greve, o adiamento para occasio mais oportuna de quaisquer reivindicações, por mais justas que fossem, além de se alcançarem quanto antes que

a cidade retomasse o seu estado normal», visto estar para chegar a missão norte-americana do Canal do Panamá, vinda para escolher os portos europeus mais vantajosos para o estabelecimento de comunicações maritimas rapidas e directas com os portos do Pacifico. E não tem a Companhia mais interesse ainda do que os operarios no desenvolvimento da cidade?

Os grevistas viram que as outras classes sociais não sacrificam os seus interesses ao «patriotismo e espirito republicano» em que a Municipalidade falava, antes protestam com enefgia se esses interesses pela Republica são lesados, e mantiveram-se em greve. Que cedesse a Companhia; eles já tinham feito todo o possivel para evitar o conflito, antes de estar. Mas não seria o intuito da Camara o de — ou acabar com a greve ou desacreditá-la ante o conceito publico, levando os grevistas a uma recusa «antipatriotica»?...

Outro maneio da parte da Companhia consistiu em publicar, como prova dos melhoramentos já concedido ao pessoal, uma tabela dos salarios de agora em confronto com os antigos.

Mas esqueceu-se de aludir ao encarecimento da vida, ás lutas sustentadas, ás concessões mansamente retiradas, aos descontos soffridos, ás multas e deteriorações pagas pelo triplo ou mais. E a tabela, indicando os salarios por categorias, diz apenas de tanto a tanto, um minimo e um máximo. Entre estes, porém, não ha salarios intermedios: o minimo, muito baixo, é o salário geral, e o máximo, bastante elevado, é o dos cabos e argentos do batalhão! E feitas todas as contas, alguns salarios em vez de subir, até baixaram! E' o cúmulo da desfaçatez e da má fé.

Como respondem os grevistas a estes holpes de um inimigo forte, bem protegido e pouco escrupuloso? Com união e firmeza, sim, mas tambem com certa dose de ingenuidade.

Não cairam na armadilha da vereação: em toda a parte se aproveitou até a eminencia de exposições, festas, visitas, para obter melhoramentos por meio da greve. Tem soavado alguns traidores, alguns fura-greves (a Companhia, para assustar e desmoralizar os grevistas, repete que já tem pessoal e pode assegurar o serviço), e mostram pouco respeito pela ficção da «liberdade de trabalho», graças á qual se pretende escravizar o trabalho e o trabalhador, inutilizando-lhe a resistencia pela traição dos inconscientes, quebrando-lhe nas mãos a sua unica arma de defesa, o direito de greve.

Mas não ha, por exemplo, ingenuidade em terem os grevistas delegados seus incumbidos da conservação do material, de peças melindrosas e carissimas? Com essa sabotagem do avesso, não aumentam candidamente a força da sua já tão poderosa e tão deslial inimiga?

Creio que este assumpto, este episodio de luta operaria despertou interesse aos leitores da Lanterna em geral e aos dessa capital em particular, havendo aí uma companhia idéntica, que não goza evidentes entre das simpatias publicas...

Em todo caso, é a questão de actualidade mais importante — excepto, é claro, para os politicos, que fornilgam em volta do cadaver ministerial, fazendo e desfazendo combinações e procurando pensosamente constituir um novo gabinete que possa viver com o parlamento tal como ele está dividido: em quatro facções importantes.

A ficção parlamentar da isto: o parlamento, teoricamente, faz e desfaz os ministerios e dá o trunfo ás diversas situações, conforme a vontade do país que o elege, com maioria para

esta ou aquela opinião. Mas se o parlamento não é... feito por um ministerio homoganeo, á imagem e semelhança deste, se não ha uma maioria compacta e segura, obtida seja como for... andam os gabinetes aos trambolhões ou é preciso dissolver os «representantes do povo» e arranjar outros... Diz-se até que a actual crise é provocada pelo desejo que tem todos os grupos de apanhar e conservar o ministerio do interior, que é o que mais «faz» as eleições...

Parlamentarismo... soberania popular...

Nene Vasco

As eleições belgas

Na Belgica, dominada ha uns trinta anos pelo partido clerical, vigora um sistema eleitoral destinado a assegurar o predomínio politico dos dominadores, fortemente estado pelo poder e influencia dos 4.135 conventos com os seus 85.744 frades e freiras. O cidadão que reuna certas condições — idade, estado, impostos, propriedades — tem dois votos; o de mais de 25 anos, com um curso superior ou secundario, ou uma função publica, ou uma profissão liberal, etc., tem três votos. Em 1909, eram 1.693.263 os electores, tendo 60% um só voto, 23% dois votos, e 18% três votos. Deste modo os conservadores clericais, sobretudo entre as populações rurais flamengas, tem uma maioria artificial garantida, embora os liberais e socialistas sejam senhores dos centros industriais e das regiões onde se fala o valão (dialecto francès).

Apesar de tudo, na ultima camara a maioria clerical era apenas de 6 votos. Tinha vindo diminuindo, e desta vez os liberais e socialistas esperavam conquistar a maioria, tanto mais que tinham sido criados 18 novos lugares de legisladores.

Ora, após uma campanha eleitoral acesa, na qual os clericais lançaram mão de todos os meios de ataque, especialmente a calunia, o descredito, a pressão, etc., a maioria clerical passou de 6 a 16 votos, ganhando tambem os socialistas cinco cadeiras mais, e perdendo portanto somente os liberais. Daqui se quer inferir que os elementos moderados do liberalismo recuaram ante a perspectiva de um governo vivendo com o apoio e tutela dos socialistas, ou mesmo contando alguns entre os seus membros...

Mais uma vez o sufragio respondeu como queria o governo que «consultou» a nação e que talvez não lhe respeitasse a vontade, se ela dissesse o contrario... Mas os desiludidos, os que da operação eleitoral esperavam uma transformação politica, em particular os elementos socialistas, irritaram-se, puseram-se em revolta, fizeram greve, organizaram ruidosos e imensos cortejos e comícios, manifestando a vontade de chegar á insurreição. Houve mesmo insubordinações militares.

Os mais resolutos censuraram acremente aos chefes o seu «eclipse», pois não apparecia um para se pôr á frente do povo, falar-lhe, anima-lo... Falou depois na Camara... Dizia-se que era possivel a insurreição, a greve geral, o seu directorio devia soitar o grito necessario.

Estes chefes, porém, preferiram aconselhar a serenidade, para não comprometer a sua causa, e resolveram convocar um congresso extraordinario para o dia 30, isto é, para amanhã. Ali se discutirá o projecto do sufragio universal puro e simples, para ser apresentado ao parlamento, que se abre a 9 do mês proximo.

E então... talvez seja mesmo preciso recorrer á greve geral, á acção directa, para impor a adopção do projecto e a transformação esperada do simples jogo das instituições legais. Talvez entre em scena a insurreição ou pelo menos a franca ameaça de revolução.

Deus e as religiões

Havendo 800 religiões, cada uma das quais afirma possuir a verdade e classificar as outras de imposturas, só uma, quando muito, é que pôde ter razão. Qual delas?

Todas invocam a revelação e a suprema sabedoria e todas apresentam em seu favor milagres que afinal não seriam mais do que uma nova contradição á ideia de Deus, pois este, se existisse, não poderia mudar de opiniões, operando prodigios a pedido ou por inspiração dos homens.

A multiplicidade das religiões, todas igualmente affirmativas, leva-nos pois ás seguintes conclusões:

1.º Se ha um Deus e esse Deus quiz manifestar-se aos homens, é evidente que não o conseguiu, em vista do grande numero de religiões e de representações humanas de deuses. Seria pois um deus impotente, isto é, não seria Deus e todos os cultos e deuses seriam falsos e absurdos.

2.º Se ha um Deus e esse Deus não quis ser conhecido pelos homens, são-lhes estranhas e indifferentes quaisquer adorações. Em tal caso tambem são absurdos os cultos e falsos todos os deuses, pois nenhum se parece com o verdadeiro.

3.º A mesma conclusão se tira na hipótese de não existir Deus.

Em qualquer caso, portanto, são falsos os deuses e absurdos os cultos, que seriam aliás uma blasfemia, um insulto á infalivel e imutavel Justiça Divina, se esta fosse coisa que existisse e passasse ás acções dos homens.

O «Bon Marché»

e os jesuitas

Como os conventos do Bom Pastor exploram milhares de pobres raparigas para maior proveito do «Bon Marché»

Toda a riqueza dessa colossal empresa o «Bon Marché» assenta sobre a miseria de milhares de mulheres. Isto, suspeita-o o publico; mas o que ele não sabe é que nessa exploração, a mais vergonhosa que existe, o «Bon Marché» tem um poderoso auxiliar.

Esse auxiliar — in a dizer esse cumplice — são os conventos.

Os frades de negocios

Quando, em 1863, Boucicaut rompeu com seu patrão e associouo Bidau, comprou a parte deste na casa pela bonita soma de 1.500.000 francos.

Quem lhe fornecera esses fundos? Falou-se num tal Maillard, que enriquecera em Nova York com um restaurante noturno. Mas logo desde o principio todos desconfiaram que esse homem — a ter existido — não passou de um testa de ferro.

Os verdadeiros fornecedores do capital eram os jesuitas.

A coisa explica-se perfeitamente. Os frades sempre procuraram os «bons negocios». A conquista do «reino do céu» nunca os levou a desdenhar os bens deste mundo. Pelo contrario: uma solida riqueza material sempre lhes pareceu a base indispensavel do seu dominio espiritual. Eis porque as congregações de outrora possuíam vastos dominios que, em 1789, absorviam um quinto da França.

Mas, desde então, o mundo transformou-se: a industria tornou-se a principal fonte de riquezas, por isso os monges fizeram-se industrialistas. Viram-nos fabricantes de «chateaux», de queijos, de chocolate, etc. Exploravam a gulodice e fundavam o seu enriquecimento sobre os vicios humanos á espera de os corrigir.

Conhece-se a colossal riqueza dos cartuxos (chateaux), baseada sobre o alcoolismo. Quanto aos jesuitas, especularam sobre a garridice.

O Bom Pastor

Fundaram o Bom Pastor. Uma pobre operaria, chamada Joana Jugand, teve uma ideia genial: reunir mulheres em grande numero, pô-las a trabalhar sem lhes pagar e fabricar em grande escala excelente roupa branca cuja saída seria assegurada pelo «Bon Marché».

O pretexto, naturalmente, foi fundar uma instituição de caridade. Recolheram-se moças abandonadas ou desonradas, desgraçadas caídas no enxuro; e sob pretexto de contribuir para a sua regeneração moral, encerraram-nas num convento, ou, se preferiam, numa casa de correção, sob a guarda de religiões bem amestradas.

O primeiro dever das suas beneficiarias era dar-lhes o gosto do trabalho. Eis porque lhes á imposta a costura perpetua: durante 12 a 13 horas por dia, sem tréguas nem repouso, tem elas que pisar os bor-

dar até que se lhes fechem os olhos ou lhes tremam as mãos.

Para reprimir os seus «maus instintos», submetem-nas a uma disciplina de ferro. A menor negligência, a menor lassidão, chove castigos: privações de jantar, pão seco, jejum obrigatório, sem contar os supplicios humilhantes: longas penitências de joelhos, cruces desenhadas com a lingua no chão poeirento, etc., fantasias malisãs de freiras exaltadas e feroces, que assim julgam «mortificar a carne» e «punir o pecado».

Esses maus tratos não são uma lenda. Causaram a indignação dum bispo em quem o espirito de casta não mata de todo a humanidade. Está na memoria de todos a indignação de Mons. Turinaz, verberando em nome da propria religião a escandalosa exploração do «Bon Pastor».

O evangelho dos gastos goraios

Mas o seu retumbante protesto não pôde fazer ceder o poder dos jesuitas, que sustentavam a sua obra. Hoje ainda, milhares de pobres raparigas, em Nancy, Angers, Louveciennes, sofrem essa monstruosa, embora filantropica, escravidão.

E' que os lucros mercantis são consideráveis. Com effeito, sob pretexto que essas infelizes são recolhidas por caridade, não se lhes paga. A lei exige que lhes atribua um salario: entregam-lhes, á saída do convento, quando chegam á maioridade, um pequeno peculio de 100 a 200 francos, representando um ganho de 10 a 15 centimos por dia.

Quanto á comida, nada ou quasi nada custa: não se tem os restos dos restaurantes, as dádivas das «almas caridosas». Do mesmo modo, quanto ao alojamento, legados pios permitem edificar, sem gastar do seu, vastos conventos e as acanhadas casas de «trabalho onde se amontoam essas desgraçadas».

Gracias a este sistema engeheoso, nada se que pagar: nem sustento, nem habitação, nem salario. Os gastos goraios são reduzidos a zero. A tudo prevê a Providencia. Eis como as casas do «Bon Pastor» podem produzir roupa branca a preços que «não temem concorrência».

Bom Pastor e «Bon Marché»

Mas é preciso colocar toda essa produção. Ora os conventos não podem abrir directamente casa de venda: perderiam a sua mascara de obras caritativas e... desinteressadas.

Felizmente existe o «Bon Marché»: e ele que compra por junto toda a produção. As casas religiosas de Nancy e de Louveciennes só para ele trabalham. Ele paga ás freiras todos os annos fortes somas que vão engriosar a caixa das Congregações, servindo para sustentar os jornais da «Bom Imprensa», as candidaturas clericais nas eleições, e ha pouco para tramalgolpes de Estado contra a Republica.

O «Bon Pastor» e o «Bon Marché» entendem-se como dois irmãos, e a sua prosperidade é feita da exploração das desgraçadas que elles consomem em nome do Deus do Evangelho.

Detestaveis fariseus que o Mestre teria amaldiçoado! Exploradores e hypocritas!

Escandalosa aliança da religião e do mercantilismo! Casamento monstruoso da avareza com a hipocrisia!

Paris, maio de 1913.

Francisco Delaia.

Pela Paulista

Por toda a proxima semana, o nosso companheiro José Romero iniciará uma viagem de propaganda do nosso jornal e de cobrança dos seus assinantes, visitando em primeiro lugar as seguintes localidades: Vila Americana, Limeira, Cordeiro, Rio Claro, Araras, Palmeiras, Descalvado, Santa Rita do Passa Quatro, etc.

Lembrem-se os nossos amigos que a «Lanterna» vive unicamente da sua ajuda e tambem que estas viagens exigem muitas despesas e um tempo precioso para o trabalho do jornal.

E não insistimos mais.

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

AO POVO DA BARRA FUNDA

Convida-se o povo da Barra Funda a concorrer ao comicio publico, promovido neste arrabalde, para lançar o seu veemente protesto, como fizeram as populações de outros arrabaldes, contra a crescente e assustadora carestia dos generos de primeira necessidade e o exorbitante aumento dos alugueis de casa.

Esta angustiosa situação, criada pela ganancia insaciavel dos especuladores, só terá um termo se o povo fizer ouvir a sua voz em uma intensa agitação.

POVO DA BARRA FUNDA!

Concorrei, pois, á reunião que se realizará na terça-feira, 3 de julho, ás 7 horas da noite, no salão da União Operaria da Barra Funda, na rua Lopes Cabral, 81.

Todos ao comicio!
A Liga Popular Contra a Carestia da Vida.

Capital e trabalho

Pouca coesão dos operarios entre si — Desunião da classe.

Se o operario, diante das considerações espostas, é pouco unido ao seu companheiro de lutas e de sofrimentos não é, pois, de admirar.

A coesão de uma classe nasce da consciencia de que ella, assim procedendo, será forte e ninguém, facilmente, a derribará, e, faltando essa mesma consciencia, ella tecteará no vácuo do temor e da irresolução e não se unirá.

Eis a base principal e primordial do poder esmagador do capital: a ignorancia.

E esta é a razão porque a ele convem que o operario cresça qual bruto irracional, sem o menor vislumbre, as mais pequenas tintas de civilização.

«Dividir para governar» foi a divisa de Machiavel e é, ainda hoje, a do capital.

E' assim que, dividindo o operario pelo analfabetismo, pela ignorancia e pelo temor ao Senhor, o capital sempre consegue triunfar.

O operario, ignorante, teatoroso, e quicá levado pela justa apreensão da falta de trabalho, a ele, infeliz, que nenhum vincent conta de seu, a quem uma semana de descanso representa, talvez, tres ou quatro mezes de atraso financeiro, se torna servil e, sempre, na maioria dos casos, de chapéu na mão, vai beijar as mãos do verdugo, que a sua ignorancia considera como bemfeitor.

A sua ignorancia, a sua falta de preparo intelectual, longe de comprehender que o seu patrão é um explorador que lhe usurpa todos os fóros de humanidade, enriquecendo-se a custa do seu suor, e do seu sangue esparramado inutilmente, ainda se insurge contra aquele que tendo bebido uma manancial de mais vastos conhecimentos, que, com um intellecto mais preparado e mais culto, procura lhe mostrar a aurea rota da liberdade e da independencia.

E esta é a razão do surgimento de tantos crumiros.

O homem, criado sob o látigo da humilhação, com a unica consciencia de nada ser, de nada valer, sempre amesquinhado, pisado aos pés, num meio boçal e rude, torna-se pusilanime, covarde, sem meio e sem geito de acção. O seu temor vai ao ponto de, expulso ignominiosamente da fábrica ou da oficina em que trabalha, injustamente, pelo capricho de um mestre ou um gerente, ir de roje, suplicar que o admitam novamente, ainda que seja num lugar tres vezes mais mal remunerado. E' assim que governa o capital.

«Dividir para governar» é a sua divisa, e quicá acertada ella é, no-lo mostra o triste estado de escravidão em que já o trabalho.

O operario, unicamente consciante do seu não-valor, não tem o arrojo de levantar a cabeça contra a força poderosa do capital e, calado, submete-se aos mais negregados atentados contra a sua pessoa e as de sua familia.

E esta é a razão pela qual, — como já o frisamos em artigos anteriores, — o sentimento de honra e dignidade, se ainda existe no operario assim criado na ignorancia, é tão mesquinho que quasi se anula.

De facto, o operario, na iminencia de ver-se de um momento para outro posto na rua, na mais negra e afflictiva miseria, para olvidar a esse fantasma tremendo, é capaz dos mais estranhos sacrificios.

Assim não é difficil comprehender-se como muitos filhos de patrões, ou gerentes, ou mestres, ou mesmo contra-mestres, conseguem abusar de tantas moças, lançando mão desta arma que tanto apavora o operario: a demissão.

Assim, mais uma vez, sómente a sociedade, a triste, a infeliz, a desgraçada sociedade moderna cabem esses tristes effeitos da sua incuria, do seu desmazelo, por tudo quanto diz respeito ao operario.

O operario instruido, criado de acordo com os principios pedagogicos modernos, em uma sã cultura intelectual, extreme de preceitos de fanatismo religioso e de submissão servil ao capital, terá uma outra e mais nitida comprehensão do seu valor como homem e como cidadão, membro de uma mesma sociedade.

Sómente então, verá o operario luzir o sol dourado da sua redenção.

(S. Paulo).

A «Lanterna» em Santa Catharina

O Santo Cinema

Para maior gloria da Santa Igreja Romana e meia duzia de fariseus, foi, por inspiração divina, inaugurado ha dias, em Florianopolis, o Santo Cinema do bispo d. João Becker.

Religiosissimas e muito comovedoras fitas têm sido levadas nesse sagrado ponto de diversão do supremo corteio dos beatos, destacando-se entre outras a do nascimento e morte do filho adulterino de uma das três pessoas da Trindade, do Espirito Santo, cujos martirios da cruz, o exercito negro vem de ha muitos seculos a esta parte exibindo e explorando pela imprensa, no pulpito, nos theatros e actualmente nos cinemas, proporcionando-lhe abundantes meios de subsistencia, confortaveis palacetes e luxuosas carruagens.

E ainda falam contra o misero Iacariote por ter vendido o Cristo por trinta dinheiros, quando elles, esses espertalhões, tiveram a audacia de o dividir em duas fracções (corpo e coração) para fazer melhor negocio!

Provavelmente d. João Becker não se olvidará de exhibir no seu Santo Cinema o memoravel film: — os martirios da Inquisição — que é tambem uma das mais senão a mais santa das instituições da Igreja Romana.

Quereado pois a revma. fazer a aquisição de novos films para o seu santo-circuito, cujas despesas, apesar do poderoso auxilio enviado do céu são sempre demasiadas, mormente em se tratando de acudir a um inevitavel naufragio da fé cristã, saiu d. João Becker a tosquiar as pobres ovelhas dos seus rebanhos de Santo Amaro de Cubatão e Biguaçu, isto é, pondo-lhes a contra marcos (com) dis o nosso camponês) pela quantia de mil réis por cabeça, paga adiantadamente.

O sr. Becker, nessa sua excursão pelo interior do Estado, não tem sómente em vista colher os mil réis do crisma, elle anda de poleiro em poleiro atirando os mais atrevidos insultos contra a instrução leiga, contra as pessoas que, acatando escrupulosamente os mais indispensaveis preceitos higienicos, recusam-se a beijar-lhe o seu pestilento anel, infalivel transmissor das mais perigosas molestias contagiosas.

Numa das capelas onde esteve esse azorrague da instrução leiga, o escritor destas toscas linhas ouviu de viva voz estas expressões reiteradas á instrução religiosa: — «Um homem pode adquirir grande instrução, conhecer muitas materias, não sendo religioso não pode ser homem de bem!»

«Deveis instruir vossos filhos nas escolas religiosas, quanto as outras (as do Estado, já se vê) fecharam suas portas á Deus!»

Ora, essas palavras proferidas por esse «Santo Deus» perant' um auditorio fanatico por excellencia não deixaria de produzir o effeito desejado?

O bispo lastima que o Estado tenha trancado as portas das suas escolas á Deus e nós lastimamos que, sendo Deus tão poderoso, como diz o sr. bispo, não tenha podido mandar destrual-as!

Relativamente aos homens de «bem» (de bem longe) só conhecemos o Faustino, Manuel Ciriaço, Bieudo, etc., etc., e o nosso querido Herculano Limpinel, distinto fabricante do «Zé-Nogueira», patrião do nosso municipio.

S. José, S. Catharina.

G. de Leppe.

NO RIO

Representante da «Lanterna» no Rio e nosso amigo Cecilio Vilho, que podera ser encontrado á rua do Senado, 195.

De cobrança das assignaturas está encarregado o companheiro Santos Barbosa.

Vida operaria

EM S. PAULO

Gráficos — Ainda perdura a greve do pessoal da Companhia de Artes Gráficas.

Os patrões têm usado de todos os estratagemas imaginaveis para conseguirem a volta ao trabalho dos operarios, fazendo-lhes varias promessas e oferecendo-lhes mesmo pequenos aumentos.

Os operarios, porém, mantêm-se inabalaveis na reclamação que fizeram.

— A União Gráfica, que vai sempre em crescente progresso, realizará amanhã mais uma assembleia geral no salão da Deutscher Turverein, na rua General Couto de Magalhães (antiga do Bom Retiro) n. 13 e 10.

Trabalhadores em madeira — A Liga dos Trabalhadores em Madeira, recentemente reorganizada, já está com um avultado numero de socios, que se reunirão em assembleia geral, com os demais operarios da classe ainda não associados, no dia 9 de julho proximo, ás 7 e 12 horas da noite, no Salão Vittorio Emanuel, á rua Senador Queiroz, 32.

Canteiros — A União dos Canteiros acaba de distribuir mais um bom numero do seu organ mensal O Operario Canteiro, competentemente redigido pelo companheiro Julio Sorrelli.

Sapateiros — Terminou, emfim, ha uma semana, o movimento grevista da classe dos trabalhadores em calçado.

E como acabou esta greve tão cheia de peripetias? Os operarios foram vencidos?

Não. Dizemos não porque nem mesmo que os operarios tivessem voltado ao trabalho nas condições anteriores ao movimento, teriam perdido.

A agitação operaria sempre traz beneficios. Quando menos chama a atenção do trabalhador para os problemas que lhe dizem respeito, fa-lo ganhar pratica da luta, saber com quais inimigos conta e a conhecer os meios capazes de os vencer.

Mas os sapateiros sempre conseguiram algumas melhoras com o movimento agora terminado e que teve inicio na greve da casa Rocha.

Conseguiram: a jornada de 8 horas ou muitas fabricas e de 8 e 1/2 em outras, a semana inglesa, que é a terminação do trabalho ao meio-dia de sabado, em quasi todas, ou em todas, e um aumento de salario até 10%, etc.

E isso foi conseguido mesmo com a perseguição estúpida de que foram alvo.

O caso Galvo ainda vive na memoria de todos, as prisões continuas, a prohibição das reuniões, etc., etc., atestam a soma de energia que os sapateiros dispenderam nesta luta desigual.

A União dos Trabalhadores em Calçados continua de pé, firme no seu posto, realizando uma grande assembleia amanhã.

Uma campanha necessaria

Num país de analfabetismo como este em que moramos, o problema da instrução é de magno interesse para o proletariado.

Difundi-la o mais possivel, e o mais depressa possivel — eis a exigencia do momento.

Saindo dos grandes centros onde predominam o mais culto elemento estrangeiro, as grandes crises do operario não encontram eco. Não porque falhem no restante no corpo deste enorme país os motivos que nas capitais levantam as greves e os brados de protesto contra o capitalismo, o militarismo e o clericalismo. O humilde preto que, suando e arquejando, tira o seu enorme eito nas zonas do interior, o preto que com as varias nuanças da sua cor constitue a grande maioria da população das cidadezinhas do interior, não sofre menos que os revoltados que lutam em paredes contra a opressão multi-secular; e se esquecido da sua força, da sua imensa força, ainda se mantém de cerviz curvada á exploração da minoria prepotente, é porque — não sabe ler.

Nosso analfabetismo é simplesmente assombroso. No Brasil do seculo XX estamos, nessas regiões, em plena barbaria medieval.

Difundir a instrução o mais possivel — não é problema que o operariado possa actualmente resolver.

As greves são exaustivas, nossos sindicatos são pobres, e mesmo que o não fossem, teriam neste momento necessidades mais urgentes a atender. Mas, se neste ponto quasi nada se pode fazer hoje aqui (apesar do muito que já se tem feito), ha todavia um ponto sobre o qual os seus esforços podem colher effluvia imediatas. E' na resolução de contribuir para a tarefa de facilitar o ensino o mais possivel, adotando e propagando o uso da orthographia fonetica.

E' incrível o tempo que, em regra geral, o aluno leva a aprender a ler entre nós. Muitos, pela precariedade da vida, mal frequentam a escola um anno. Ao fim de tanto tempo, já sabe o nome do presidente da republica, já sabe fazer continencia á bandeira, já aprendeu que a humildade é uma virtude, e o sofrimento um passaporte para ir para o céu; mas nesse época, apesar de saber isso e mais outras coisas interessantissimas da mesma categoria, ainda não aprendeu a decifrar bem o som do s entre vogais, nem o valor do ph como f, nem do h como k, isso mesmo quando se continencia á bandeira, etc. etc. Gistaram tempo para ir até o segundo livro de leitura.

O processo de aprender a ler é tão difficil entre nós, que os pais desanimam á sé idéas de mandarem ensinar os filhos a ler.

— E' muito demorado — dizem. — Aprender a ler é bom para os filhos dos ricos que não precisam trabalhar para viver.

E com isso a ignorancia a quedar-se estagnada, como nos tempos medievais...

Precisamos contribuir com os nossos esforços para pôr cobro a esse estado de coisas. E hoje, a occasião é muito asada para implantarmos, no alcance das nossas forças, aquella utilissima reforma, porque essa questão orthographica está na ordem do dia.

Portugal acaba de decretar oficialmente algumas regras foneticas obrigatorias nas escolas, por nossa parte, já tem sido acolhida, no Brazil, as regras da nossa academia de letras. Uma e outra reforma têm seus pontos de contacto. Apesar disso, é difficil escolher entre ambas pelas respectivas vantagens e desvantagens que apresentam.

Temos visto pela «Lanterna», que o seu brilhante colaborador Neno Vasco adoptou a orthographia portuguesa, e essa iniciativa é digna dos maiores encomios, por se ter atrevido a quebrar os arcaicos moldes do nosso modo de escrever.

Quanto a mim, dou preferencia á reforma da nossa academia, que simplifica mais a questão.

Aconselhando a orthographia portuguesa, disse Silvio de Almeida no Estado de São Paulo:

— Aprendam o latim, para aprenderem a escrever com acerto.

Ora, a grande maioria do povo não tem tempo para declinar o *qui quae quod*...

Entre as melhores innovações introduzidas pela Academia Brasileira, temos:

Substituição do s entre vogaes pelo j;

Substituição do y pelo i, do k e do ch com o som de k pelo qu;

Supressão do h que não são no meio das palavras;

Substituição, no meio das palavras, do g com o som do j pelo j; etc., etc.

Sertão de Minas, julho de 1912.

X. Z.

DIVERSÕES

Theatro Colombo — Apesar das noites frias e neblinosas da semana, as familias do populoso bairro do Braz não deixaram de acorrer numerosas a este confortavel teatro para apreciar os extraordinarios artistas Whiterleys, que tanto successo têm alcançado.

Os films ali exhibidos tambem despertaram grande interesse no publico. Hoje haverá espectáculo com bons films, tomando tambem parte neste os artistas Whiterleys.

Amanhã haverá matinee a preços reduzidos.

Theatro Casino — Sempre concorridos têm sido os espectaculos desta casa de diversões.

Hoje espectáculo com escolhido programa e amanhã matinee familiar.

Cinema Congresso — Este elegante cinema da praça João Mendes continua apresentar excelentes films, estando por esse motivo sempre cheias suas sessões.

Hoje haverá espectáculo com escolhido programa.

PELA SOROCABANA

Em viagem de cobrança e de propaganda do nosso jornal, começa a percorrer a linha Sorocabana o nosso companheiro Emilio Reinoso.

Ha já um anno que essa viagem não é feita, razão bastante para que todos os nossos assignantes contribuam prontamente com a importancia de suas assignaturas.

Todos sabem que esta folha vive exclusivamente da contribuição dos seus assignantes, que, por isso mesmo, se devem esforçar para andar em dia com os seus pagamentos, da mesma forma que nós emprestamos toda a nossa actividade ao jornalismo para dar-lhe a divulgação necessaria.

A União dos Sindicatos e a Anarquia

Edição da «Brochura Social» de Lisboa.

Elegante opusculo de 16 paginas. Excelente texto do conhecido iniciador do sindicalismo revolucionario em França, FERNANDO PELLOUTIER. Preço 200 réis. Pedidos a esta redacção.

«A Sementeira»

Publicação mensal ilustrada de critica e sociologia de Lisboa.

Inseres retratos e biografias de escriptores e artistas revolucionarios e livres pensadores, como (entre os ultimos) papullosos Wagner, Ems Goldman, Tcharnikowsky, Rapierdi, Guyon. Assinatura annual: 1\$200 (moeda brasileira). Assine-se nesta redacção.

«A Lanterna» em Pelotas

Na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, assim como nas localidades circumvizinhas, é agente da nossa folha o sr. José Maria Bento, residente á rua Andrade Neves, 104, que está autorizado a tratar ali de tudo quanto se relaciona com a «Lanterna».

CAVALEIRO DE LA BARRE

Iniciamos hoje a publicação deste esplendido e empolgante romance historico, especialmente traduzido para a «Lanterna» por Neno Vasco.

Recommendamos esse folhetim aos nossos leitores. E' uma obra de grande valor. Nela está traçada a vida e a obra desse extraordinario martir da Igreja que foi o Cavaleiro de La Barre.

No proximo numero publicaremos alguns traços biographicos da protagonista do nosso folhetim, esperando publicar dentro em breve a sua completa historia, que já mandamos vir da Europa.

Secção amena

Padre-nosso capitalista

F. assina, em La Libre Pensée o seguinte Padre-nosso:

«Padre-nosso, que estais nos céus, capitalizado seja o vosso nome, cr. sa e multiplique-se o reino dos dividendos, seja feita a sua vontade assim na terra como no céu. Dai-nos cada dia o nosso champagne, os nossos bifés, o nosso pastel de fós gras, as nossas beldades e os nossos coupons quotidianos, com o nosso automovel e o resto. Perdoai-nos os nossos pecados e pagai as nossas dividas, a nós que fazemos falir os nossos pobres devedores e vivemos do trabalho dos pobres. Não nos deixeis cair em tentações perigosas, mas livrai-nos do socialismo; porque é a nós que pertencem as riquezas, o reinado, o poderio e a gloria, para o seculo dos seculos. Amen.»

(Simplificimus).

O sr. vigario está sentado no restaurante com um conhecido; conversam ambos sobre as durezas dos tempos e queixam-se sobretudo da carestia da carne, que o leigo atribue ás intemperies. Mas o vigario não é dessa opinião.

— A culpa principal, diz elle, é dos negociantes de gado. E' só por causa dos intermediarios que está tão cara a carne.

Ora na mesa vizinha está justamente um negociante de gado que, voltando-se para o padre, diz-lhe:

— Não ha duvida, sr. vigario, são os intermediarios que fazem encarecer tudo. Se pudessemos ouvir a palavra de Deus directamente e sem intermediarios, havia de nos sair seis mil marcos mais barata.

(Simplificimus).

Liga Anticlerical

do Rio de Janeiro

De ordem da Directoria são convidadas todas os srs. associados a comparecer á assembleia geral que se realizará quinta-feira, 4 de julho, ás 8 horas da noite.

Ordem do dia: — Prestação de contas e eleição de um membro da Directoria.

Sede social, rua General Camara n. 335 (provisoriamente).

O 2.º secretario. — CARLOS A. DE LACERDA.

NO RIO

REUNIOES DE PROPAGANDA

Segunda palestra de J. de Oliveira, realizada em

13 de Junho, na Liga Anticlerical

(CONTINUAÇÃO)

Isto posto passemos ao tema, que por hoje será o livro da criação, o Genesis, o primeiro do Velho Testamento.

Tratar de tal documento, repositario de astuciosas fraudes e estudados effeitos é o mesmo que, na vida rial e contemporanea se tratar da verificação da escrita de um honrado negociante que abriu falencia.

Verificado o Devo e Haer, confrontando-se as parcelas, a soma está certa.

Mas examinada pericialmente a ordem dos lançamentos a fraude é patente, a má fé positiva.

Estamos no mesmo caso em relação não só ao livro da criação, como em geral a todo o Velho e Novo Testamentos.

A apreensão englobada da leitura de tal obra nos deixa o cerebro em petição de miseria.

Como que o encefalo se nos transforma em uma massa amorfa, tal a confusão e a dórvida que de nós se apodera.

Mas isso — e com especialidade para os ingenuos de boa fé — é devido á preoccupação de que a obra é divina e nós, pobres mortaes, não estamos na altura de a comprehender.

E daí o grande partido e pro-
reitros tirados pelos teólogos de todas
as marcas.

Mas, desde que nos abstraiamos
de tais preocupações, os livros, que
dizem: inspirados, dictados ou coisa
que o valha pelo Espírito Santo,
são obra de fácil análise, posto que
não assentam em nenhuma base
sólida, quer moral, quer scientifi-
camente estudadas!

Não passam de obra humana e
de bem grosseiro urdidura.

Não ha neles originalidade; não
ha criação genial alguma, pois as
que contém mutuamente se dis-
trem; lendas e tradições grosseiras
e barbaras é o seu conteúdo.

Começando pela parte presumi-
damente científica temos que nos
reportar ao ano 4.004, época em
que, segundo a Biblia, teve inicio
a criação.

Só pela data enunciada já nós
temos a convicção do erro grosseiro,
pois, adicionando-se áquela o nu-
mero 1912, que são os anos da nossa
era, nós temos 5916 anos.

Ora, a arqueologia, a cosmologia,
a geologia, a astronomia e muitos
outros conhecimentos científicos
nos provam que anteriormente á
época da criação bíblica já havia
mundos que contavam a sua exis-
tencia não por milhares de anos,
mas por milhares e milhares de
seculos!

E' que as engendradoras de tal
obra supunham que, já naquele
tempo, a humanidade tivesse che-
gado ao maximo de progresso e
por isso, certos estavam de que não
se lhes descobriam a fraude.

Mas como se enganaram!

Hoje nós sabemos soejamente
porque razão a serpente se mostrava
mais informada do que o proprio
Deus, quanto á ingestão do fruto
proibido.

Enquanto Deus proibia, até á
morte, que em tal fruto tocassem,
a serpente aconselha Eva a que
dele comesse, dizendo-lhe "e vós
sereis como os Deuses, conhecendo o
bem e o mal". (Cap. III, V. 5)

E' de notar o facto da serpente
ter aludido a Deuses, quando a Bi-
blia nos dá um só, como criador
de todas as coisas.

E é nestas grosserias que querem
que acreditemos!

E, por fim, comeram o fruto.
(E a arvore, segundo creio, secou,
assim como sua co-irmã a da vida,
pois não são conhecidas nos cata-
logos de botânica). — Que bela ge-
neologia se perdeu!

E depois de comido o fruto qual
a predição que prevaleceu, a de Deus
ou a da serpente?

Não precisamos fazer grandes
cogitações para verificar que foi a
da serpente, pois se o tal Deus
tivesse cumprido a sua ameaça, nós
não existiríamos.

Mortos Adão e Eva adeus huma-
nidade!

E daqui dois raciocínios saltam:
ou Deus já naquele tempo era men-
tiroso ou o Diabo, personificado na
serpente, era mais poderoso do que
ele!

Mas deixemos a serpente pois já
vimos que ela, mais do que Deus
e os padres com a sua igreja está
com a verdade embora só virtual-
mente.

E para isto verificar não preci-
samos de outra confirmação que
não seja a do proprio Deus que,
uma vez comido o fruto proibido,
em lugar de exercer vingança de
morte como tinha prometido sobre
quem desobedeceu á sua divina
proibição, exerce outra muito mais
terrivel, condenando o genero hu-
mano e a terra por toda a eterni-
dade, dizendo: "maldita a terra
por causa de ti; com dor comerás
dela todos os dias da tua vida",
(cap. III, V. 17) e mais: "No suor
do teu rosto comerás o teu pão,
até que te tornes á terra". (cap.
III, V. 19).

Este capitulo e mais dois que
se lhe seguem merecem análise mais
detalhada o que faremos em outra
palestra que porventura venhamos
a fazer.

Pela experiencia nós, os operarios,
os escravos de todos os tempos,
embora com diversos nomes, bem
temos sentido essa maldição.

Emquanto aos dominadores de
todas as épocas, de todos os tempos
e de todas as facções religiosas ou
políticas, estes não a sentem, pois
julgam-se superiores e enviados do
proprio Deus, fonte emanante de
toda a autoridade.

E é tão estrambotico esse Deus
que cada uma de suas criações,
revelações e actos é um contrasenso.
Se não vejamos: "No principio
criou Deus o céu e a terra". (Cap.
I, V. 1).

Mas criou de que? Ora, quando
contemplamos uma obra, seja esta
boa ou má, logo nós temos a noção
de que ela foi criada por alguém,
mas de alguma coisa.

Nem de outra maneira pôde ser,
pois soejante sabemos que de nada
nada se cria.

Sem materia prima nada se
constróe.

"No principio" — Mas quando
foi esse principio? No ano 4.004
antes de Cristo, como incidiosamente
nos quer fazer acreditar a Biblia?

Não pôde ser, pois hoje sabemos
perfeitamente que já o nosso globo
nessa época havia atingido a sua
maior idade e só não lhe dou o
qualificativo de velho porque o tem-
po é infinito.

*E o espirito de Deus era levado
sobre as aguas". (Cap. I, V. 2).

Levado para onde, por quem e para
que?

E' o que não nós é explicado.

(Somos forçados a inserir o final
desta conferencia no proximo numero).

que guardou silencio e, completa-
mente ao acaso, internou-se por
uma rua estreita de antiga cidade
picarda.

De repente, a dez passos na sua
frente, elevou-se uma voz fresca e
pura que, semelhante a um canto
de cotovia, soltou um ligeiro grito,
uma melopeia de infinita doçura.

— Flores!... Quem quer flo-
res?...

E apareceu uma joven, uma me-
nina de dezasseis anos, uma criatura
adoravel, que parecia arrancada,
viva, de uma tela de Watteau; uma
radiante evocação de encanto, poe-
sia e amor.

No mesmo instante resou ou
empedrado o galope furioso dum
cavalo lançado á redea solta.

— Cuidado! Tem cuidado, flo-
rista de diabo! — gritou o cavalei-
ro que chegava aos saltos.

A repariga das flores quedou-se
inovel, petrificada pelo horror do
perigo.

La ser alcançada, derribada, tri-
turada.

O desconhecido precipitou-se, agar-
rou-a por um braço, afastou-a...

Era tempo: o cavaleiro passou
como um furacão.

Não tão depressa, todavia, que o
homem vestido de veludo não lhe
tivesse entrevisto o rosto.

— O conde de Belleval! — disse
em voz surda.

Brilhou-lhe um relampago sob
as palpebras, os punhos crisparam-
se-lhe e escaparam-lhe palavras en-
treortadas.

— O conde de Belleval em Abbe-
ville! Pois bem: seja! tanto me-
lhor! A minha obra será mais
terrivel e mais completa. Vamos,
Salverio, vai corer a hora das lutas
supremas!... Caminha, Salverio,
caminha com fronte serena, carci-
nha com alma implacavel!... Por-
que tu és o Diabo! Tu és a Jus-

A' venda em nossa redacção:

História da Luta entre a Ciencia e a Teologia

POR
A. D. White

Antigo reitor e professor de Historia
da Universidade de Cornell e Embaixador
norte-americano em Berlin.

Volume português de

Carlos Babo e Manuel Bravo

Volume de bom formato (22 por 16),
de 500 paginas, papel assentado,
edição esmerada, brochado com capa
ilustrada.

Preço 3\$000

E' uma das mais notaveis obras so-
bre o assunto, tratado com seriedade
de propositos, profundidade de vistas,
vasta erudição e criterio verdadeiramente
cientifico. Tem sido traduzida
em varias linguas, sendo a versão por-
tuguesa feita com conscienciosa fide-
lidade, prefaciada e anotada com
competencia. E' um livro emfim que se
pode conselhar afoitamente.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Ray-
mundo Reis, com 127 poetas e 168
paginas. Encontra-se á venda, pelo
preço de 2\$500 o exemplar, em todas
as livrarias de S. Paulo e, no Rio
nas livrarias Alves e Magalhães, a
3\$000 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redac-
ção pelo preço de 2\$500. Pelo correio,
3\$000.

'A Velhice do Padre Eterno'

Temos novamente á venda, a
2\$000 o exemplar, este sempre em-
polzante livro do extraordinario
Guerra Junqueiro.

'A LANTERNA'

Nossa capital é vendida ao preço de
100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornas, do sr. Antonio
Seafoto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão do Barbeiro, Avenida Rangel
Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Conselheiro Ra-
malho, 166.

Salão de Engraxate, largo da 84, 5

'A Lanterna' no Interior

E' encontrada tambem á venda nas
seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do
sr. José Sellen, rua Amador Bueno, 4,
n. 43.

Em Campinas, em casa do sr. An-
tonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva
Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogi das Cruzes, na agencia do
sr. Antonio Costa.

Em Bello Horizonte, na agencia do
sr. Giacomo Aluotto & Irmao.

Em Cataguases, com o sr. Foneion
Barbosa, largo do Commercio 1 — A.

Em Florianopolis, com o sr. Valen-
ti Parinhas, rua Republica, 4.

Em Curitiba, na agencia dos srs.
Pajnaba & Reis, rua 15 de Novem-
bro, 5.

'A LANTERNA' NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes
pontos:

Café CRITERIUM, largo do Rocio, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da
rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembleia, 29, esquina da
rua do Carmo, engraxate.

Rua do Ouvidor, 181, agencia do
sr. Bras Lauria.

Rua do Senado, 63, com o sr. Ma-
nuel Quesada.

Avenida Passos, 123, engraxate.

Rua do Lavradio, 47, com o sr. An-
gelo Prinsl.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nico-
lan Caruso.

Estação Central, com o sr. Paschoal
Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Janu-
ario Bruno.

Rua 1.º de Março, agencia do sr.
Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da
rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58,
engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua
Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, Villa Isabel,
com o sr. Pedro B. Matara.

Largo dos Leões, com o sr. Natan
Carelli.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1837

Excusado é dizer-se que esta é a
única fabrica que vende sem
reserva de preços. Seus productos
são conhecidos em todo o
Estado

Pereira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 6

S. Paulo

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de
cana com salvaguarda para evitar
desastre. Privilegiado e premiado com
diversas medalhas de bronze, prata e
ouro. Progressivamente estão se espa-
lhando por este vasto pais; já foram
adquiridos por mais de 1.000 fazen-
deiros que attestam a utilidade desta
importante machina. Inventor e fab-
ricante

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alameda, 194 —
Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Mar-
tin Burchard, 146 — S. Paulo.

Coelho liquido Halley

E' o melhor e o mais barato. Uma
colher de coelho basta para coagular
em litros de leite

Vendas condicionadas: se não for
melhor do que qualquer marca exis-
tente no mercado aceita-se o vidro
mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 341

Bello Horizonte

Jesus Cristo non é mais assistito

A cura della Casa Editrice Mer-
cedes Gomes Ristori. è uscito dai
torchi lo splendido libro di Milesio
(avv. Emilio Bossi): Gesù Cristo
non è mais assistito.

Impossibile è dare un'idea, sia
pure approssimativa, della magni-
ficenza e dell'importanza del libro
in una breve recensione.

Il libro che raccomandiamo cal-
damente ai compagni ed agli stu-
diosi in generale, trovasi in vendita
al prezzo di 2\$000, spese postali
in più.

Le ordinazioni accompagnate dal
relativo importo, possono essere in-
dirizzate alla nostra redazione, o
direttamente alla Casa Editrice
Mercedes Gomes Ristori, Caixa
1167 — S. Paulo.

Biblioteca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e
registro do Correo:

Primeira serie, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los con-
cilios

El Diablo, por Roberto Robert.

Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo

El Romance Anticlerical, por varios
autores (primeiro tomo).

El Pueblo a la Aristocracia, por Pey
Ordiz

Historias de la corte celestial, por
Narciso Campillo.

Monja Beata de los Jesuitas.

A Una Madre, por Ramon Chies.

La Democracia y la Iglesia, por
Potvin.

2.ª serie em publicação:

Dios, por Buñer y Capdevila

Los Milagros por Roberto Robert.

Lo que comen los curas, por Frey
Goradio.

Viaje al Inferno, por José Nakens.

La libertad de ensenanza, por Edmundo
Gonzales.

La Papias Juans, por Julio F. Mateo.

Bonitos Pladicos, por varios.

Retratos de José Nakens, 18500 réis.

Fazenda á venda

Em Bello Horizonte

Vende-se uma esplendida fazenda
situada a 2 leguas desta capital, con-
tando magnificas culturas, matias para
lenha, boas invernadas em pastos fe-
chados, 2 moinhos, engenho e ma-
chinismos para canna e fabricar as-
sucar, etc.

Tem sepiorios e abundantes que-
das d'agua, 3 carros de bois com
suas respectivas boiadas; gados: bo-
vino, suino e cavallar para criar, etc.;
290 alqueires de terras judicialmente
divididas, além de estar ligada a ter-
ras devolutas e aproveitaveis.

A casa de morada é completa-
mente isolada das demais dependên-
cias, como sejam: engenho, depósi-
tos, etc.

E' servida por um epé de estribo-
da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Trata-se com Nicomedes dos Santos,
á rua de Pernambuco, 205.

Bello Horizonte (Minae).

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS

M Gorki, Os amadores \$200

A. de Pinho, Pela Educação e
pelo Trabalho \$300

H. Malatesta, Programa socia-
lista anarquista-revolucionario \$100

Pedro Kropotkin, O Comunis-
mo Anarquico \$100

Prof. Saturnino Barbosa, Poema
Transcendente \$8000

B. Peres Galdós, Electra, (dra-
ma anticlerical em 5 actos) \$18000

Meza Botta, O Papa Negro \$28000

Otaviano Reinelt, Um como não
ha muitos, (comedia de cos-
tumes nacionaes e 2 actos) \$18000

Carlos Dias, Semeando para
Colher \$300

Paulo Berthelotti, Evangelho da
Hora \$200

Guerra Junqueiro, A velhice do
Padre Eterno \$28000

A. D. White, Historia da Luta
entre a Ciencia e a Teologia \$36000

EM ESPANHOL

Rutgers, Las Guerras y la Den-
sidad de la Población \$100

Ch. Drysdale, Dignidad, Liber-
tad e Independencia \$100

C. S. Darrow, Crimen y Crimi-
nales \$100

André Girard, Educación y Auto-
ridad Paternal \$100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Coverti, Che cosa
è il Socialismo \$100

Romanzo di una Donna, Angelo
Lomgarelli \$1500

Almanacco Libertario illustrato
1909 \$300

EM FRANCÊS

Les Prisons, Pierre Kropotkin, \$300

L'Esprit de Récolte \$200

René Chaugli, La Femme Es-
clave \$100

Jean Grave, L'attente pour
l'action \$200

Eliás Reclus, A mon Frère le
Paysan \$200

Jean Grave, Si j'avais á parler
aux Electeurs \$100

Charles Albert, Patrie, Guerre,
Gagner \$200

Eliás Reclus, Evolution e Ré-
volution \$200

Urban Gohier, Aux Femmes
E. Malatesta, Entre Paysans \$300

M. Natlan, La responsabilité
et la Solidarité dans la lutte
ouvrière \$200

Mario Pierrrot, Sur l'individua-
lisme \$300

Louis Blanc, Quelques Verités
Economiques \$100

André Girard et M. Pierrrot, Le
Parlementarisme contre l'Action
Ouvrière \$100

Pedro Kropotkin, Le Salarial
La Morale \$200

Anarchiste \$200

M. Pierrrot, Travail et Surme-
nage \$200

Dizrot, Katerine d'un philo-
sophe avec la marche \$100

Jean Grave, La Conquête des
pouvoirs publics \$100

Jean Grav., Une des Formes
nouvelles de l'Esprit politique \$100

Los Temps Nouveaux, Contre la
Guerre \$200

Só podemos atender os pedidos
que venham acompanhados da res-
pectiva importancia.

verio com acento ardente, calci-
nante.

O padre fixou nele os seus olhos
sem cór, baixando em seguida as
palpebras.

— Não o conheço.

— Pois eu ao senhor conheço o:
é Gerlaut... Mente dizendo que não
me conhece... Não lhe digo o meu
nome... Porque esse nome a mim
proprio espanta, de tal modo repre-
senta terturas e sofrimentos... Mas
é senhor conhece-me!... Vejo-o pelo
tremor convulso que o agita...
Vejo-o pela onda da tel que lhe in-
vade a fronte de vibora... Conheço-
me... e sabe que o venho matar!...

— Não sei o que quer dizer
redarguiu o padre impassivel.

Invadira o a angustia. O débil
olhar que se filtrava através das
suas palpebras semicerradas fixava-
se nas mãos de Salverio. Para ele
toda a questão estava em saber se
la ser morto ao mesmo instante.

Imobilizava-se com rigidas desape-
rada. Dizia consigo que o primeiro
movimento que arriscasse seria o
sinal da sua morte.

Naquele momento, acercavam-se
lentamente do portico alguns curio-
sos. Causava-lhes estranhos aquele
desconhecido, que permanecia coberto
diante do arcipreste.

Salverio não os via, mas Gerlaut
via-os e o seu olhar obliquo e ardente
parecia atrai-los, magnetizal-os.

Salverio, que se inclinava para o
eclesiastico, retrucou com uma es-
pecie de calma terrivel:

— Escute... Por causa sua e das
suas, tem caído sobre mim as es-
trelas... tudo quanto amei se
dispersou ao vento sopra... Despa-
recou tudo o que eu adorava... Eu
mesmo nutri durante quatorze anos
o silencio e a noite da sepultura,
onde vos me enterrastes vivo... O
que soffri, presenciei de dias e dias

(Continúa).